

A MENINA  
das HISTÓRIAS



LUCY MAUD MONTGOMERY

TRADUÇÃO  
NANCY ALVES



# A MENINA

# das HISTÓRIAS

  
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*The story girl*

Produção editorial e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Texto  
Lucy Maud Montgomery

Diagramação  
Fernando Laino Editora

Tradução  
Nancy Alvez

Imagens  
Nimaxs/shutterstock.com;  
Fona/shutterstock.com;  
NikaMooni/shutterstock.com;  
aljosa2015/shutterstock.com;  
majivecka/shutterstock.com;  
Aniwhite/shutterstock.com

Preparação  
Valquíria Della Pozza

Revisão  
Fernanda R. Braga Simon

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787m Montgomery, Lucy Maud

A menina das histórias / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por  
Nancy Alvez. - Jandira, SP : Principis, 2020.  
288 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: The Story Girl  
Inclui índice.  
ISBN: 978-65-5552-210-5

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Alvez, Nancy.  
II. Título. III. Série.

2020-2652

CDD 028.5  
CDU 82-93

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

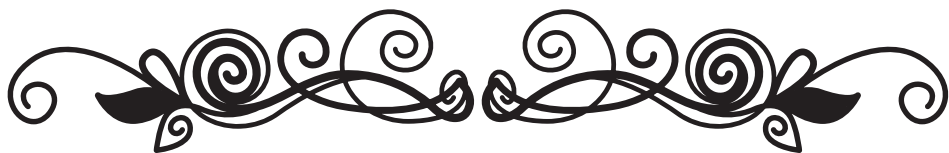
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

O lar de nossos pais.....	7
Uma rainha de copas.....	15
Lendas do velho pomar.....	23
O véu de noiva da princesa presunçosa .....	34
Peter vai à igreja .....	42
O mistério do Marco Dourado.....	52
Como Betty Sherman conseguiu um marido .....	61
Uma tragédia de infância.....	71
Sementes mágicas .....	81
Uma filha de Eva.....	87
A Menina das Histórias faz penitência.....	97
O baú azul de Rachel Ward.....	105
Um antigo provérbio com um novo significado .....	112
Fruto proibido.....	118
Um irmão desobediente.....	126
O sino fantasma .....	134
A prova do pudim .....	144
A descoberta do beijo.....	149
Uma profecia terrível.....	156
O domingo do Juízo Final.....	172
Sonhadores de sonhos .....	179
Os livros dos sonhos .....	186

Do que são feitos os sonhos.....	194
O feitiço de Pad.....	203
Uma pitada de fracasso.....	215
Peter causa uma impressão.....	223
A provação das maçãs amargas.....	232
A história da ponte do arco-íris.....	243
A sombra mais temida pelo homem.....	251
Uma carta conjunta.....	261
No limite entre a luz e a escuridão.....	273
A abertura do baú azul.....	279



## O LAR DE NOSSOS PAIS

“Gosto mesmo de uma estrada porque sempre se pode imaginar o que existe no fim dela.” A Menina das Histórias disse isso certa vez. Felix e eu, naquela manhã de maio em que partimos de Toronto rumo à Ilha do Príncipe Edward, ainda não a tínhamos ouvido dizer isso e, na verdade, mal sabíamos da existência de uma pessoa chamada “Menina das Histórias”. Não a conhecíamos com esse nome. Sabíamos apenas que uma prima, Sara Stanley, cuja mãe, nossa tia Felicity, tinha morrido, estava morando na Ilha com tio Roger e tia Olivia King numa fazenda junto à velha estância King em Carlisle. Imaginávamos que íamos conhecê-la ao chegar lá e fazíamos uma ideia, por meio das cartas de tia Olivia a papai, de que ela devia ser alguém alegre. Não pensávamos nela além disso. Estávamos mais interessados em Felicity, Cecily e Dan, que viviam na estância e que seriam, portanto, nossos colegas durante toda a estação. Mas a essência da frase dita pela Menina das Histórias e que, na época, ainda não tínhamos ouvido vibrava em nossos corações naquela manhã quando o trem deixou a cidade de Toronto. Estávamos nos lançando numa estrada longa e, embora fizéssemos alguma ideia do que poderia existir ao fim dela, havia

em nós um encanto pelo desconhecido que era suficiente para acrescentar certo charme às nossas especulações.

Estávamos entusiasmados com a ideia de ver a antiga casa de papai e viver nos lugares de sua infância. Ele nos falara tanto sobre ela e descrevera os locais com tanta frequência e tão minuciosamente que acabara por nos contagiar com sua profunda afeição pelo lugar – uma afeição que não diminuía durante todos os anos em que estivera longe de lá. Tínhamos a vaga sensação de que, de alguma forma, pertencíamos àquele lugar, ao berço da nossa família, embora nunca o tivéssemos visto. Sempre sonháramos com o dia em que, como papai prometera, ele nos levaria “para casa”, para a velha construção com abetos se erguendo aos fundos e o famoso “pomar dos Kings” à frente. Nesse dia poderíamos caminhar pelo “Passeio do tio Stephen”, beber água do poço profundo coberto pelo telhadinho chinês, subir à “Pedra do Púlpito” e comer maçãs das nossas “árvores de nascimento”.

E o momento chegara antes mesmo do que tínhamos ousado esperar; mas, no final das contas, papai não pôde nos levar. A firma para a qual trabalhava lhe pediu para ir ao Rio de Janeiro naquela primavera, a fim de assumir o controle de sua nova filial lá. Era uma oportunidade boa demais para ser desperdiçada, já que papai era um homem pobre e sua ida significaria ser promovido e ter um aumento de salário; mas ela também significava um rompimento temporário em nosso lar. Mamãe faleceu antes de termos idade suficiente para nos lembrarmos dela; e papai não podia nos levar para o Rio de Janeiro. Por fim, decidiu nos mandar para o tio Alec e a tia Janet, na estância. E nossa governanta, que era da Ilha e agora estava voltando para lá, ia tomar conta de nós durante a viagem. Imagino que a viagem tenha sido motivo de muita ansiedade para ela, coitada. Estava sempre com receio, até justificável, de que nos perdêssemos ou acabássemos mortos. Deve ter sentido um alívio imenso ao chegarmos a Charlottetown, onde nos entregou aos cuidados do tio Alec. Na verdade, ela até disse isto:



## A MENINA DAS HISTÓRIAS

– O gordinho não é tão ruim. Não se mexe muito rápido, então não some de vista num piscar de olhos, como faz o magrinho. O único jeito de se viajar em segurança com esses dois seria amarrando-os a nós com uma corda curta. E forte!

“O gordinho” era Felix, que, aliás, era muito sensível com relação a seus quilinhos a mais. Ele vivia fazendo exercícios para emagrecer, mas o resultado era sempre desanimador, já que acabava apenas engordando mais e mais. Ele dizia não se importar, mas se importava, sim. E muito! E olhou para a senhora MacLaren de um jeito muito desrespeitoso quando ela disse isso. Não a suportava desde o dia em que ela afirmara que, em breve, a altura e a largura dele seriam praticamente as mesmas.

De minha parte, fiquei até triste ao vê-la ir embora. E ela chorou e nos desejou tudo de bom; mas nós a esquecemos por completo assim que nos vimos em campo aberto, seguindo pela estrada na boleia da carroça, um de cada lado do tio Alec, pelo qual nos apaixonamos assim que o vimos. Ele era um homem pequeno, de rosto magro e traços suaves, barba grisalha cerrada e grandes e cansados olhos azuis – iguais aos de papai. Sabíamos que o tio Alec gostava de crianças e que estava feliz por receber em casa “os meninos do Alan”. Nós nos sentimos à vontade com ele e não tivemos receio algum de lhe fazer perguntas sobre o que quer que nos viesse à mente. E assim nos tornamos grandes amigos naquela pequena jornada de pouco menos de quarenta quilômetros.

Ficamos um tanto desapontados ao chegarmos a Carlisle, pois já anoitecera. Estava escuro demais para que pudéssemos ver as coisas de maneira distinta quando a carroça subiu a colina até a velha estância King. Atrás de nós, a lua recentemente surgida pairava sobre os campos de sudoeste naquela doce paz de primavera, mas as sombras suaves e úmidas daquela noite de maio iam nos envolvendo aos poucos enquanto espiávamos avidamente, tentando enxergar em meio ao breu.

– Lá está o salgueiro grande, Bev! – Felix sussurrou, todo emocionado, ao cruzarmos o portão.

Lá estava ela, de fato: a árvore que o vovô King tinha plantado ao voltar para casa certa noite depois de passar o dia arando o terreno junto ao riacho. Ele chegara e enfiara no solo macio ao lado do portão o galho de salgueiro que tinha usado em seu trabalho na terra.

O galho foi criando raízes, crescendo. Nosso pai e nossos tios e tias brincaram à sua sombra. E agora transformara-se numa árvore enorme, de tronco grosso e galhos que se espalhavam, imensos, ao redor, como se cada um deles fosse, sozinho, uma árvore.

– Vou subir nele amanhã! – disse eu, feliz da vida.

À direita, havia um local mais escuro, cheio de outras árvores, que sabíamos ser o pomar. E, à esquerda, entre abetos murmurantes e pinheiros, ficava a velha casa caiada de branco que, naquele momento, tinha a porta aberta, pela qual passava uma suave luminosidade e onde apareceu tia Janet, uma mulher grande, rechonchuda e agitada, de bochechas cheias e rosadas, que veio para nos receber.

Pouco depois, já estávamos jantando à mesa da cozinha, um cômodo de teto baixo, escurecido, sustentado por grossos caibros dos quais pendiam peças de presunto e toucinho defumados. Tudo era como papai havia descrito. E nós nos sentíamos de volta ao lar, tendo deixado o exílio para trás.

Felicity, Cecily e Dan estavam sentados à nossa frente e nos observavam, achando que estaríamos ocupados demais em comer para percebermos seus olhares. Tentamos observá-los também quando eles estavam comendo e, como resultado, acabamos surpreendendo os olhares uns dos outros, o que nos causou um sentimento de embaraço e vergonha.

Dan era o mais velho deles. Tinha a mesma idade que eu: treze anos. Era um cara magro e cheio de sardas, de finos cabelos castanhos um tanto compridos, e com o nariz bem feito dos Kings. Nós reconhecemos essa característica de imediato. Sua boca era, porém, única, já que não tinha traços nem dos Kings nem do lado Ward da família; além disso, era grande e fina e um tanto curva, mas capaz de se abrir num sorriso amistoso, e tanto eu quanto Felix sentimos que íamos gostar de Dan.

## A MENINA DAS HISTÓRIAS

Felicity tinha doze anos. Recebera o mesmo nome de tia Felicity, que era irmã gêmea de tio Felix. Papai nos contara que tia Felicity e tio Felix tinham morrido no mesmo dia, embora distantes, e estavam sepultados lado a lado no velho cemitério de Carlisle.

Ficamos sabendo, por meio das cartas de tia Olivia, que Felicity era o belo resultado da união das duas famílias e, por isso, tínhamos grande curiosidade em conhecê-la. E sua beleza realmente fez jus à nossa expectativa. Tinha o corpo bem proporcionado e covinhas no rosto. Os olhos eram grandes, bem delineados, de um peculiar tom mais escuro de azul; e os cabelos, leves como plumas, formavam cachos dourados que combinavam muito bem com a pele clara e levemente rosada. “O tom de pele dos Kings”. Os Kings eram conhecidos por seu nariz e pelo tom da pele. Felicity também tinha belas mãos e pulsos. Era uma beleza vê-la movendo-os. E era um prazer imaginar como deviam ser os cotovelos.

Estava usando um vestido muito bonito de padrão cor de rosa, com um avental de musselina cheio de babados por cima. E entendemos, por causa de algo que Dan disse, que ela tinha se arrumado assim especialmente para nossa chegada. Isso fez com que nos sentíssemos importantes. Pelo que sabíamos até então, nenhuma criatura do sexo feminino tinha jamais se dado ao trabalho de vestir algo especial por nossa causa.

Cecily, que tinha onze anos, também era bonita – ou teria sido, se Felicity não estivesse lá para comparação. Era como se Felicity ofuscasse o brilho das outras meninas. Cecily parecia pálida e magra junto dela. Mas tinha feições delicadas, cabelos castanhos macios e brilhantes, e olhos também castanhos muito suaves nos quais, de vez em quando, se notava um toque de indiferença.

Lembrávamos que tia Olivia tinha escrito a papai dizendo que Cecily era uma verdadeira Ward: ela não tinha senso de humor. Não sabíamos o que isso significava, mas entendíamos que não era exatamente um elogio. Ainda assim, estávamos ambos inclinados a achar que íamos gostar mais de Cecily do que de Felicity. Na verdade, Felicity era uma beldade. Com a ágil e infalível intuição infantil que consegue perceber num instante

o que, às vezes, leva muito tempo para os adultos perceberem, entendíamos que Felicity sabia muito bem o quanto era linda. E logo vimos o quanto era também cheia de si.

– É de se admirar que a Menina das Histórias não tenha vindo para ver vocês – comentou o tio Alec. – Estava muito animada com a sua chegada.

– Ela não passou bem o dia inteiro – Cecily explicou. – E a tia Olivia não deixou que saísse à noite, por causa da friagem. Mandou-a para a cama, isso sim. A Menina das Histórias ficou muito desapontada.

– Quem é a Menina das Histórias? – Felix se interessou.

– Oh, é a Sara. Sara Stanley. Nós a chamamos de Menina das Histórias em parte porque ela vive contando histórias. E muito bem! E também porque Sara Ray, que mora no sopé do morro, vem brincar conosco frequentemente e é esquisito ter duas meninas com o mesmo nome no mesmo grupo. Além do mais, Sara Stanley não gosta do próprio nome e prefere ser chamada de Menina das Histórias.

Dan, então, pronunciou-se pela primeira vez, um tanto acanhado, para nos informar de que Peter também tinha a intenção de vir, mas teve que levar a farinha que sua mãe estava esperando.

– Peter? – estranhei. Eu nunca tinha ouvido falar de nenhum Peter.

– É um menino que ajuda seu tio Roger na lida – tio Alec esclareceu. – O nome dele é Peter Craig e é um garoto bem esperto. Mas já passou por poucas e boas, aquele jovem.

– Ele quer ser namorado de Felicity – Dan acrescentou, com certa malícia.

– Não fale bobagens, Dan – tia Janet repreendeu de pronto.

Felicity jogou os cabelos para trás com desdém e lançou um olhar nada fraternal a Dan.

– Eu jamais namoraria um ajudante de fazenda – frisou.

Percebemos que a raiva dela era verdadeira, não fingida. Estava claro que não se orgulhava de ter um admirador como Peter.

Éramos garotos de muito bom apetite. E, quando já tínhamos comido tudo que era possível (e, puxa, tia Janet fazia jantares como só ela!),

## A MENINA DAS HISTÓRIAS

descobrimos que estávamos também muito cansados; cansados demais para sair e explorar os domínios de nossos ancestrais, como gostaríamos de fazer, apesar da escuridão.

Estávamos também ansiosos para ir para a cama e logo nos vimos levados ao quarto no andar de cima, que dava para o lado leste, para o bosque de abetos; o mesmo quarto que, um dia, fora do nosso pai e que íamos dividir com Dan, cuja cama ficava no canto oposto à nossa. Os lençóis e fronhas tinham um delicioso perfume de lavanda, e a colcha era um dos esmerados trabalhos de *patchwork* feitos pela vovó King. A janela estava aberta, e podíamos ouvir as rãs cantar lá no pântano junto ao campo cortado pelo riacho. Tínhamos ouvido rãs cantar em Ontário, é claro, mas as rãs da Ilha do Príncipe Edward eram, com certeza, muito mais afinadas e alegres. Ou seria apenas o encanto das antigas tradições e histórias familiares que estava nos envolvendo e emprestando sua magia a tudo que víamos e ouvíamos ao nosso redor? Estávamos em casa. Na casa que fora o lar de papai e que era, portanto, nosso lar também! Nunca tínhamos vivido tempo suficiente em uma única casa para desenvolver por ela um sentimento de afeição; mas ali, sob o teto construído pelo bisavô King noventa anos antes, esse sentimento invadiu nossos corações e almas ainda tão jovens como uma onda viva de doçura e suavidade.

– Ouça! São as mesmas rãs que o papai ouvia quando era menino – Felix sussurrou para mim.

– Não podem ser as mesmas – rebati, não com muita certeza, já que não entendia nada sobre a longevidade das rãs. – Já se passaram vinte anos desde que o papai saiu daqui.

– Bem... São as descendentes das rãs que ele ouvia, então – Felix insistiu. – E estão cantando no mesmo pântano, o que é quase a mesma coisa.

A porta estava aberta e, no quarto diante do nosso, as meninas estavam se preparando para dormir e conversando bem mais alto do que fariam se soubessem até onde suas vozes podiam alcançar.

– O que achou dos meninos? – Cecily perguntou.

– Beverley é bonito, mas Felix é gordo demais – Felicity respondeu sem hesitar.

Felix contorceu a colcha entre as mãos e soltou um grunhido. Mas eu comecei a achar que ia gostar de Felicity. Podia não ser culpa dela o fato de ser cheia de si. Afinal, como evitar ser assim quando se olhava no espelho?

– Acho que os dois são bonzinhos e bonitos – Cecily opinou.

Que bonitinha!

– Imagino o que a Menina das Histórias vai achar deles – observou Felicity, como se isso fosse, de fato, o que realmente importava.

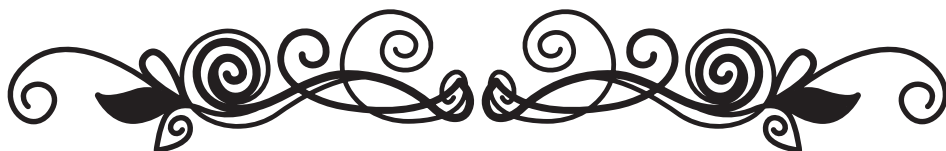
E, de algum modo, também achávamos que era. Sentíamos que, se a Menina das Histórias não nos aprovasse, não faria diferença quem mais aprovaria ou não.

– Será que a Menina das Histórias é bonita? – Felix indagou em voz alta.

– Não, não é – Dan logo respondeu, da cama no outro lado do quarto.

– Mas vão achar que é enquanto ela estiver conversando com vocês. É assim com todo mundo. É apenas quando nos afastamos dela que percebemos que, afinal, não é nem um pouco bonita.

A porta do quarto das meninas se fechou com uma batida. O silêncio tomou conta da casa. E nós mergulhamos no mundo dos sonhos imaginando se a Menina das Histórias iria ou não gostar de nós.



## UMA RAINHA DE COPAS

Acordei pouco depois do amanhecer. O pálido sol de maio se infiltrava pelos abetos e um vento frio e estimulante fazia os galhos se mover.

– Felix, acorde! – chamei, num sussurro, enquanto o sacudia.

– O que houve? – ele murmurou, preguiçoso.

– Já amanheceu. Vamos nos levantar, descer e sair. Não posso esperar nem um minuto para ver os lugares de que o papai nos falou.

Sáímos da cama e nos vestimos sem despertar Dan, que ainda dormia profundamente de boca aberta. As cobertas da cama dele tinham sido todas chutadas para o chão.

Tive um trabalho e tanto para convencer Felix a não tentar acertar uma bolinha de gude naquela tentadora boca aberta. Eu disse a ele que isso acordaria Dan; que ele ia querer se levantar e nos acompanhar; e que seria muito melhor irmos só nós dois naquela primeira vez.

Estava tudo mergulhado no silêncio quando descemos as escadas. Ouvimos alguém na cozinha, provavelmente o tio Alec acendendo o fogo; mas o coração da casa ainda não tinha começado a bater naquele dia.